



EDUCAÇÃO em FOCO

e-ISSN 2447-5246  
ISSN 0104-3293

Creative Commons license



## “LINHAS DO LUTO”: SOBRE A AUTODETERMINAÇÃO NACIONAL E CULTURAL DE L. S. VIGOTSKI<sup>1</sup>

“LINES OF MOURNING”: ON THE ISSUE OF NATIONAL AND CULTURAL SELF-DETERMINATION OF L.S. VYGOTSKY

Vladimir S. Sobkin<sup>2</sup>

Tatiana A. Klimova<sup>3</sup>

### Resumo:

Apresenta-se o texto de Vigotski *Linhas do luto* (1916) com comentários detalhados. É o primeiro de três artigos publicados na revista semanal judaica *Novi Put* [Novo rumo], que podem ser reunidos, convencionalmente, num tríptico dedicado ao problema da correlação entre as tradições nacional, cultural e religiosa da contemporaneidade do autor. O texto e os comentários permitem ampliar a compreensão sobre a posição pessoal e semântica do jovem Vigotski numa situação política e normativa indefinida. Isso ajuda a reconstruir as especificidades da autodeterminação social, política e ético-nacional do cientista e evidenciar as bases éticas que determinam o fundamento da abordagem histórico-cultural. Uma ênfase específica é dada à dialogicidade interna entre as culturas judaica e russa. Nos comentários sobre o texto, enfatizam-se especificidades da posição artístico-reflexiva de Vigotski em relação aos acontecimentos pré-revolucionários que permitem atribuir sentido a uma série de problemas sócio-políticos, morais-éticos e, principalmente, psicológicos que, posteriormente, terão lugar em seus trabalhos científicos. Uma linha especial dos comentários relaciona-se com a análise do estilo e da composição do artigo, a sua estrutura de camadas múltiplas.

**Palavras chaves:** psicologia histórico-cultural, psicologia da vivência, experiência religiosa, autodeterminação nacional e cultural, especificidades estilísticas, princípio de composição.

### Abstract:

The paper presents the full text of a work by L.S. Vygotsky “Lines of Mourning” (1916) along with detailed commentaries. This article was the first of the three published in the Jewish periodical *Noviy Put* that can be considered a triptych dedicated to the issues of national, cultural and religious traditions and their relation with modern times. The text and commentaries provide an insight into personal meanings and attitudes of young Vygotsky in the situation of political and value/normative uncertainty. This enables us to reconstruct the features of social, political, national

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado em russo na Revista Kulturno-istoritcheskaia psirrologiia, 2017, T. 3, N°2, p. 4-12. Está sendo publicado em português com a autorização da revista e dos autores. Tradução do russo para o português de Zoia Prestes, Erondina S. de Araújo e Elizabeth Tunes.

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia, professor, Diretor do Centro de Sociologia da Educação, Instituto de Administração da Educação da Academia Russa de Educação, Moscou, Rússia. E-mail: sobkin@mail.ru

<sup>3</sup> PhD em Psicologia, professora da cátedra de psicologia geral e aplicada, Universidade Ortodoxa de Moscou St. Ioann Bogoslov, Moscou, Rússia. E-mail: t-klim@list.ru

and ethic self-definition of the scientist and to reveal the grounds and values underlying the cultural-historical approach. Special attention is brought to the dialogic nature of the Jewish and Russian culture. In the commentaries we also focus on the specifics of artistic and reflective position of Vygotsky in relation to pre-revolutionary events that took place at that time: understanding this allows us to comprehend a whole set of social, political, moral, ethic and truly psychological problems that would later on be reflected in his scientific works. Another section of our commentaries is centered on the analysis of the article's style and composition and its multi-layered structure.

**Keywords:** cultural-historical psychology, psychology of experience (perezhivanie), religious experience, national and cultural self-definition, stylistic specifics, composition principle.

## INTRODUÇÃO

No artigo, são apresentados comentários sobre um trabalho pouco conhecido de Vigotski denominado *Linhas do luto*, publicado na revista semanal *Novi Put* [Novo rumo], no final de julho de 1916. Como já dissemos em publicações anteriores (SOBKIN e KLIMOVA, 2016(a); 2016(b); SOBKIN e LEONTIEV, 1994), a revista era dedicada a questões da vida dos judeus e foi publicada em língua russa, em Moscou, de janeiro de 1916 até outubro de 1917. Textos de famosos juristas, advogados, políticos, ativistas, pessoas ligadas à ciência e à cultura foram nela publicados (O. I. Grusemberg, A. M. Efros, C. G. Lozinski, G. A. Landau, Iu. I. Airrenvald, L. I. Katsnelson, entre outros). Vigotski trabalhou na revista semanal como secretário técnico, praticamente, desde o lançamento até o encerramento das atividades da mesma. Além das obrigações técnicas, ele publicava ativamente artigos e notas em suas páginas. Conforme conseguimos identificar, foram publicados por ele 11 textos de diferentes estilos e gêneros: traduções de textos do hebraico antigo, reportagens, resenhas literárias, artigos publicitários e comunicados informativos.

Entre as publicações, evidentemente, o artigo aqui em questão se destaca. Ele é o primeiro do ciclo de três artigos publicados na revista *Novi Put* que foram dedicados à correlação entre acontecimentos históricos contemporâneos do autor. O segundo artigo dos três é *Misli i nastroiения* [Ideias e ânimos] (*Novi Put*, Nº 48 e 49, de dezembro de 1916), e o terceiro é *Avodim hoinu* [Nós éramos escravos] (*Novi Put*, Nº 11 e 12, de 24 de março de 1917). Os comentários sobre estes artigos serão elaborados e apresentados numa próxima publicação.

Destacamos, primeiramente, que os três artigos têm um significado importante para os estudos da biografia do grande cientista e podem também ser analisados como um *tríptico*. Eles estão projetados no plano de questões que se relacionam com a vivência da identidade nacional por meio do desvelamento do limite das interrelações entre os acontecimentos históricos e contemporâneos (o que é próximo ao conceito de “cronotopo” de M. M. Bakhtin (BARTIN, 1979) e permitem delimitar o contorno inicial da problematização de interesse que define a especificidade da abordagem histórico-cultural, realizada nos trabalhos posteriores de Vigotski, ligados, especificamente, ao campo da psicologia.

No artigo que comentamos, Vigotski apresenta reflexões sobre o significado do luto nacional na vida do povo judaico, relacionado à destruição do Primeiro e do Segundo Templo de Jerusalém.

Ao apresentar a publicação de seu artigo e os comentários que elaboramos, devemos destacar que, na literatura em língua russa sobre Vigotski, é possível indicar apenas trabalhos de dois autores em que há tanto uma citação direta a esse texto, como também uma tentativa de sua interpretação. São trabalhos de F. E. Vassiliuk (VASSILIUK, 1996; VASSILIUK, 2005) e de L. A. Pergamenschik (PERGAMENSCHIK, 2016). É interessante que esses dois autores analisam o artigo de Vigotski do ponto de vista do problema da psicologia da vivência. Concordamos com eles e queremos destacar que, a nosso ver, o conteúdo do texto de Vigotski é bem mais amplo. É isso que, particularmente, tentaremos mostrar em nossos comentários.

Como exemplo, queremos chamar a atenção para o título do artigo e dar uma ênfase semântica à segunda palavra em “linhas do luto”. A questão é que, um pouco antes, em seu famoso trabalho *Tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare* (a versão final do texto está datada com o período de 14 de fevereiro a 28 de março de 1916, ou seja, foi finalizada quatro meses antes da escrita desse artigo), Vigotski analisou detalhadamente o problema da consciência trágica, destacando o tema do *luto*. No estudo sobre *Hamlet* que, num plano metodológico, foi definido pelo próprio Vigotski como “experiência de uma crítica de leitor”, o tema principal é exatamente *a gênese e a dinâmica da vivência da experiência trágica*. Vale lembrar que, analisando a cena final da peça (o duelo), ele a interpreta como um minuto “dilatado de agonia”, quando “a tragédia morreu”. “Aqui também a arte acabou... a tragédia transformou-se em prece”, teve início a religião; “a religião da tragédia que tem um único rito – a morte; uma única virtude – a prontidão, e uma única prece – a tristeza” (VIGOTSKI, 1916). Por isso, nos parece extremamente importante analisar o texto do artigo de Vigotski que publicamos aqui, comparando-o com o trabalho sobre *Hamlet*. Aliás, vale destacar que a primeira experiência de comparação destes dois textos foi empreendida por F. E. Vassiliuk, em seu maravilhoso artigo denominado “Prece – silêncio – psicoterapia” (VASSILIUK, 1996), no qual analisa as peculiaridades da vivência da prece em *Hamlet* e no artigo *Linhas do luto*. Entretanto, vale repetir que, com isso, o conteúdo do artigo não se esgota.

Trabalhando na elaboração dos comentários, foi importante para nós uma série de passagens que definiram nossos objetivos e tarefas. Em primeiro lugar, pensamos que valia a pena começar do mais simples, ou seja, do estabelecimento do significado das palavras empregadas por Vigotski e que, apenas à primeira vista, parecem claras e evidentes. As palavras “dias fatais” são exemplos das mágicas centrais que definem o sentido do texto que estamos comentando. Por isso, para a compreensão do artigo é importante, ao mesmo tempo, considerar os diferentes contextos de emprego da palavra “fatalidade”. Além disso, queremos acrescentar que o texto contém uma série de outras palavras que não serão compreensíveis ao leitor caso não tenha conhecimento do contexto da cultura e da história judaica: “galut<sup>4</sup>”, “canções da lamentação”, “claudicação de Israel” e outras. Por isso, também desdobramos o significado destas palavras.

Em segundo lugar, o texto do artigo, assim como outras publicações do jovem Vigotski, contém um grande número de citações sem indicação de autoria (às vezes, são citações sem aspas); a referência a textos originais pode, a nosso ver, ampliar e aprofundar, significativamente, o conteúdo do artigo. Por isso, a identificação das fontes citadas foi uma das nossas principais tarefas. Foi importante identificar não apenas os textos aos quais Vigotski se referia, em especial,

---

<sup>4</sup> Diáspora judaica (N. T.).

ao tratar de verbetes da Enciclopédia Judaica de Brockhaus e Efron sobre o luto do dia 9 *Ava*, como também as citações do *Velho Testamento* e as estrofes de poemas de poetas russos (M. Iu. Lermontov, F. M. Tiutchev, B. Ia. Briussov). Esse trabalho é importante não apenas do ponto de vista da análise textual (o fato de estar citado), o que realmente amplia o conteúdo geral do contexto do artigo, como também para evidenciar a estrutura complexa e de múltiplos níveis do texto de Vigotski, sua *dialogicidade cultural* interna. Com isso, destacamos dois momentos. O primeiro é a necessidade interna e aguda do autor de incluir, no conteúdo do seu artigo, textos religiosos (em primeiro lugar, o *Pranto de Jeremias*). O segundo é a necessidade de se referir a obras líricas de poetas russos. Vale dizer que esses dois momentos evidenciam a especificidade nacional e cultural de autodeterminação de Vigotski como uma pessoa mergulhada, ao mesmo tempo, na cultura russa e judaica. Essa é uma das linhas mais importantes que determina a peculiaridade da constituição da personalidade de Vigotski como um cientista humanitário. Por isso, este texto, assim como o ciclo de três artigos que indicamos acima, (Tríptico), é extremamente importante para a compreensão da biografia e da trajetória de vida de Vigotski.

Em terceiro lugar, ao comentar o artigo, foi importante caracterizar, em traços gerais, a especificidade do contexto social e político do período em que ele foi escrito (julho de 1916). Isso se faz necessário para a compreensão da agudeza social da questão central que Vigotski analisa: para que é necessário o *luto histórico*, qual é o seu papel cultural? Realmente, por que o povo judeu, ao longo de muitos séculos, conserva a memória exatamente sobre os acontecimentos históricos de quando foi humilhado e quando revelou, ao máximo, sua falta de vontade? Para que reter e cultivar a tristeza, reunindo-a em um *símbolo histórico*, no luto do dia 9 *Ava*? Destacamos que as respostas a estas questões são muito importantes ainda hoje, em função da atualização de um amplo conjunto de problemas de autoidentificação numa situação de indefinição moral e normativa.

Por último, em quarto lugar, um interesse especial para nós, durante o trabalho de elaboração dos comentários, foi a análise dos procedimentos artístico-estilísticos dos quais Vigotski se valeu em seu artigo. Assim, continuamos a linha que está ligada à investigação da poética nos textos de Vigotski (SOBKIN, 2015; SOBKIN e KLIMOVA, 2016(a); SOBKIN e KLIMOVA, 2016(b); SOBKIN e LEONTIEV, 1994). Já mencionamos, parcialmente, uma das características essenciais do artigo em questão – sua *dialogicidade*. Entretanto, além disso, vale prestar atenção à multiplicidade de procedimentos de repetição que se vinculam não apenas à organização rítmica do texto, como também ao aprofundamento do seu conteúdo semântico (círculo hermético), à revelação do tema principal etc. Entretanto, a especificidade principal e artisticamente mais interessante desse texto é a sua composição geral que, conseqüentemente, leva o leitor ao texto bíblico *Pranto de Jeremias*. Isso é muitíssimo importante porque é exatamente o texto do *Pranto de Jeremias* que é lido no dia do luto de 9 *Ava*. Com relação a isso, seguindo as normas estabelecidas para o luto, Vigotski organiza e compõe seu artigo como uma “máquina” peculiar que atrai o leitor, simultaneamente, tanto com a vivência da tristeza de acontecimentos históricos, quanto com a situação pré-revolucionária contemporâneos a ele. Vale também dizer que tal vivência da tristeza, que desvela o *sentido do luto supra-histórico*, permite enxergar, na contemporaneidade, tendências positivas do renascimento, da chegada do Messias.

Ao apresentar ao leitor o artigo de Vigotski, aconselhamos que o texto seja lido duas vezes. A primeira vez, sem prestar atenção aos comentários, para a definição de uma compreensão

pessoal e geral do artigo; posteriormente, uma segunda leitura, levando em consideração os comentários. Provavelmente, ao fazer assim, o leitor terá um material complementar para reflexões futuras.

## REFERÊNCIAS

BARTIN, Mirrail Mirrailovitch. **Estetika slovesnogo tvorchestva** [Estética da criação verbal]. Moskva: Rudojstvennaia literatura, 1979, 412 p.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002, 2.206 p.

BROCKHAUS, F. A., EFRON, I. A. **Aba deviatoe. Evreiskaia entsiklopedia Brokgauza i Efrona** [9 Ava. Enciclopédia judaica de Brokgauz e Efron], T. 1. Saint-Petersburg, 1908, p. 31—37.

LERMOTOV, Mirrail Iurievitch. **Sotchinienia: V 6 t. T. 1. Stirrotvorenia 1828-1831**. [Obras: em 6 t. T. 1. Versos 1828-1831]. Moscou: Publ. AN SSSR, 1954, p. 452.

PERGAMENSCHIK, Leonid Abramovitch. *Lev Semenovitch Vigotski: v poiskar tsentralnoi idei noi psiologii* [Lev Semenovitch Vigotski: em buscas da ideia central da nova psicologia]. Em: **Dialog** [Diálogo], 2016, no. 2, pp. 5—12.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch. *K issledovaniu poetiki tekstov L. S. Vigotskogo* [Acerca dos estudos da poética dos textos de L. S. Vigotski]. Em: **Nauchnoe tvorchestvo L.S. Vigotskogo i sovremennaia psiologii** [Criação científica de L. S. Vigotski e a psicologia moderna]. Moscou: 1981, pp. 143—145.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch. **Kommentarii k teatralnim retsenziam Lva Vigotskogo** [Comentários sobre as resenhas teatrais de Lev Vigotski]. Moscou: Institut sotsiologii obrazovaniya RAO, 2015. 568 p.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch. *Vstupitelnaia statia. L. S. Vigotski: abris sotsiokulturnogo konteksta* [Artigo introdutório. L. S. Vigotski: traços do contexto sociocultural]. Em: **VIGOTSKI, L. S. Polnoe sobranie sotchinienii v 16 t. T. 1. Dramaturgia i teatr** [Obra completa em 16 v. Vol. 1. Dramaturgia e teatro]. Moscou: Lev, 2016. 752 p.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. *Neizvestni Vigotski: ob opyte perevoda s drevneevreiskogo* [Vigotski desconhecido: sobre a experiência de tradução do hebraico]. Em: **Voprosi psiologii** [Questões de Psicologia], 2016 (a), n° 4, pp. 76—95.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. *Lev Vigotski meju dvur revoliutsii: k voprosu o politicheskom samoopredelenii utchenogo* [Lev Vigotski entre duas revoluções: acerca da questão da autodeterminação política do cientista]. Em: **Natsionalni psiologicheski jurnal** [Revista de psicologia nacional], 2016 (b), n° 3 (23), pp. 20—31. doi: 10.11621/npj.2016.0303

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. *Kommentarii k neizvestnomu reportaju L. S. Vigotskogo: vpetchatlenia o Fevral'skoi revoliutsii* [Comentários sobre uma reportagem desconhecida de L. S. Vigotski: impressões sobre a revolução de fevereiro]. Em: **Voprosi psiologii** [Questões de Psicologia], 2016 (c), n° 5, pp. 88—101.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; LEONTIEV, Dmitri Alekseevitch. *Psirologiia iskusstva i psirologuitcheskaia metodologuia v rannir rabotar L. S. Vigotskogo* [Psicologia da arte e a metodologia psicológica nos primeiros trabalhos de L. S. Vigotski]. Em: **Vestnik Moskovskogo universiteta. Series 14. Psirologiia**. Moscou: 1994, n° 4, pp. 35—44.

UCHAKOV, D. N. **Bolchoi tolkovi slovar sovremennogo russkogo iazika**, v 4 t. T. 3. [Grande dicionário moderno da língua russa, em 4 vol. Vol. 3]. Moscou, 1939, 1.424 verb.

VASSILIUK, F. E. **Molitva — molchanie — psirotterapia** [Oração – silêncio – psicoterapia]. *Moskovski psirotterapevticheski jurnal* [Revista de psicoterapia de Moscou], 1996, n° 4, pp. 141—145.

VASSILIUK, F. E. **Perejivanie i molitva (opit obschchepsirologuitcheskogo issledovaniya)** [Vivência e oração (Experiência de uma investigação psicoterapêutica)]. Moscou: Smisl, 2005, 191 p.

VIGODSKAIA, Guita Lvovna; LIFANOVA, Tamara Mirrailovna. **Lev Semenovitch Vygotskii. Jizn. Deiatelnost. Chtrirri k portretu** [Lev Semenovitch Vigotski. Vida. Atividade. Traços para o retrato]. Moscou: Smisl, 1996. 424 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Avodim hoinu*. Em: **Novi put** [Novo rumo], 1917, n°. 11—12.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Michlenie i retch** [Pensamento e fala]. Edição 5ª, Moscou: Labirint, 1999. 352 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Misli i nastroeniia* [Ideias e ânimos]. Em: **Novi put** [Novo rumo], 1916, no. 48—49.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Polnoe sobranie sotchinenii V 16 t. T. 1 Dramaturguia i teatr** [Obra completa em 16 Vol. T. 1 Dramaturgia e teatro]. Moscou: Lev, 2015. 752 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Sobranie sotch.** v 6 t., T. 6 [Obras reunidas em 6 v. Vol. 6]. Moscou: Pedagoguika, 1984. 400 p.

\*\*\*

## LINHAS DO LUTO<sup>1</sup>

(O DIA 9 AVA)<sup>2</sup>

*“Oh! Nesses dias, dias fatais,  
Dias de provação e perdas”<sup>3</sup>...*

Nesses dias terríveis<sup>4</sup> – por que precisamos dele, do luto histórico? Nos dias do sofrimento vivo, para que ressuscitar a tristeza dos mortos, consumir-se pela tortura livresca e narrada? Nesses dias repletos de sofrimentos árduos, para que ele é necessário, sobre o que nos fala o velho dia 9 Ava?

“...Não é apenas um dia de tristeza e luto. Esse dia é considerado fatal na história do povo judeu”<sup>5</sup>, - diz o historiador. Não é apenas um dia de destruição de dois templos e da queda de Jerusalém. “Cinco desgraças desabaram sobre os nossos antepassados, conta Mishná: foi pronunciada a sentença divina aos provenientes do Egito para que morressem no deserto e não pisassem a terra habitada; foram destruídos o primeiro e o segundo templo; a fortaleza Betar foi tomada pelos romanos e, finalmente, foi arada, como um campo, a cidade Santa”<sup>6</sup>. Um escrivão tardio acrescentará mais uma desgraça que também coincidiu com essa data do luto: a expulsão da Espanha<sup>7</sup>. – Realmente, um dia fatal. Flávio Josefo o denominou de “dia predestinado e fatal”<sup>8</sup>. Realmente, não é impressionante e repleta de profunda importância a estranha coincidência de catástrofes trágicas da história judaica que ocorrem exatamente nesse dia triste?.. Esse dia elevou-se ao signo sagrado na virada da história judaica, ao símbolo de derrotas do povo, de prejuízos, de ausência de força e vontade, pois, nesse dia, foram lançados os princípios do *golus*<sup>9</sup>, da disseminação e da queda definitiva da força do povo<sup>10</sup>. Sobre a derrota e o declínio externo, sobre a morte foi construída nossa história; a partir desse dia, esvaíram-se suas peregrinações e andanças. Sem força, o povo judeu tornou-se sem vontade, não perdeu apenas o domínio sobre o aparato da vontade nacional, não apenas a dispersou, mas se submeteu, totalmente e por completo, à vontade alheia, do outro, estranha à história judaica externa, submeteu-se à vontade da história do mundo<sup>11</sup>.

...O dia 9 Ava. O dia de liturgia e de luto, de tristeza, de lamentação e choro. O dia de visitas aos cemitérios, dia de roupas pretas e cortinas escuras<sup>12</sup>. Dia de melodias tristes e de cantos convulsivos de preces, de prantos recitativos de elegias, de cânticos de lamentações.<sup>13</sup> Como impressiona o fato de o povo judeu ter carregado, ao longo dos séculos, no decorrer de “um regime secular longo”<sup>14</sup>, essa sua tristeza, o luto de 9 Ava. A tristeza desse dia do passado foi marcada no pergaminho do tempo, elevou à imortalidade a dor que não se esvai e não cessa no dia que já findou, nos acontecimentos que se esvaneceram, transmitiu à tristeza, que transita de geração a geração no fluxo incessável da história, um cintilar, um clarão da eternidade<sup>15</sup>. Então, não significa apenas uma tristeza de recordações; o luto histórico viu e conservou o judaísmo nesse dia. O povo depositou nele sua eterna tristeza, seu lamento eterno pela enfermidade e pela ausência de força; nesse dia, ele extravasa sua alma sem força e sem vontade.

“...Vós todos que passais pelo caminho, / olhai e vede: /Se há dor semelhante/À dor que me atormenta, /Com que Iahweb me afligiu/No dia de sua ardente ira” (Bíblia, Lamentações, Lamed, 1:12, p. 1461). “Do alto enviou um fogo, /que fez descer até os meus ossos;/ armou uma rede sob meus pés/e me fez retroceder, /deixou-me desolada, /doente o dia inteiro” (Bíblia, Lamentações, Mem, 1:13, p. 1461). “Ele fez um fardo com minhas culpas, / atou-me com sua mão,

/ elas pesam sobre meu pescoço<sup>16</sup>, ele faz vacilar minha energia;/ o Senhor me entregou em suas mãos, / não me posso mais levantar” (Bíblia, Lamentações, Nun, 1:14, pp. 1461-1462). – “...Por isso, estou chorando, / meus olhos se desfazem em lágrimas...” (Bíblia, Lamentações, Samec, 1:15, p. 1462). – “A quem te comparar? Quem se te assemelha, / filha de Jerusalém? / Quem te poderá salvar e consolar-te, / virgem, filha de Sião? / Grande como o mar é teu desastre: / quem te curará? (Bíblia, Lamentações, Mem, 2:13, p. 1464-1465)<sup>17</sup>.

O que os judeus guardavam e preservavam na doença, na enfermidade e na ferida não era algo temporário e transitório, mas supratemporal e eterno; não é um luto histórico, mas supra-histórico, original, predestinado<sup>18</sup>. “... Ele faz vacilar minha energia”<sup>19</sup> - nesse quadro de batismo da ausência de força, há algo que não é desse mundo, que não é daqui. O Senhor armou uma rede e fez um fardo. “O Senhor pisou no lagar a virgem, filha de Judá”<sup>20</sup> (Bíblia, Lamentações, Samec, 1:15, p. 1462) – é o símbolo mais elevado de toda história sangrenta do judaísmo. “... minha existência terminou”<sup>21</sup> (Bíblia, Lamentações, Waw, 3:18, p. 1462). Eis porque o judaísmo firmou esse dia, arrancando-o do círculo dos tempos, marcando-o, para sempre, com sinal preto, com o traço preto do luto. Eis porque o transformou num símbolo, num coletor histórico de tristezas. Girando no círculo dos tempos, esse dia suga, absorve e assimila a tristeza de alguns dias que aparecem e a eleva a algo imarcescível e eterno.

Eis porque nos nossos dias fatais<sup>22</sup>, a liturgia do 9<sup>a</sup> Ava ganha um sentido especial. É preciso transformar sua dor – a dor viva desses dias – numa tristeza imarcescível desse dia grandioso, fazê-la confluir com essa tristeza e elevá-la à tristeza eterna e imortal. O que é presenciado e visto na história se esquece, se aniquila, passa: os acontecimentos, as pessoas, as desgraças, os povos... Porém, os raios invisíveis e leves da tristeza pura, que irradiam do que é trágico na história – quem sabe? –, será que não se reúnem numa só tristeza desse dia, dessa mágica triste da história judaica e ardem nele como estrela opaca e se elevam à eternidade. “Tristemente, no alto, minha estrela foi assinalada.”<sup>23</sup>

Nos nossos dias – de fraqueza e doença do povo – nada soa, primeiramente, na alma e não abafa tudo: “Exulta, alegre-te, filha de Edom, / que habitas no país de Hus! / Também a ti se passará o cálice;/ embriagada, desnudar-te-ás”<sup>24</sup> (Bíblia, Lamentações, Shin, 4:21, p. 1471). ... Deixe que também em nossos dias o Senhor, como um “inimigo”, na ferida das nossas derrotas, na impossibilidade de nossas forças, captemos o reflexo da eterna claudicação de Israel, que lutou à noite com Deus<sup>25</sup> e, girando eternamente no círculo dos tempos, esse dia arderá também com a nossa tristeza, com a tristeza desses dias que será o luto eterno e predestinado, pois disse o Senhor: “Eu designarei esta noite de lamentação para toda a eternidade”<sup>26</sup>.

... Existe uma tradição emocionante e impressionante, repleta de um sentido profundo e sagrado, uma lenda, segundo a qual, nesse dia de tristeza e luto, precisamente no dia 9<sup>a</sup> Ava, nasceria o Messias<sup>27</sup>. Nos raios invisíveis da tristeza pura, que refletem o que é eterno no tempo, na dor revelada de certos dias e de minutos difusos, na ausência de força da enfermidade e da doença, na derrota, no prejuízo, está a garantia do nascimento de Messias.

É difícil falar sobre isso, mas é preciso pressentir na ferida desses dias a última verdade das derrotas, da falta de força e da doença, pois na desesperança da tristeza desse dia, já ouvimos *paamei Moschiah*.<sup>28</sup>

L. Vigodski

<sup>1</sup> “*Linhas do luto*” – artigo publicado na revista *Nov Put* [Novos rumos], Nº 27, de 24 de julho de 1916, colunas 28-30, assinada por *Lev Vigodski*. Até a presente data, de acordo com as informações que obtivemos, esse artigo não havia sido republicado. O artigo não consta da bibliografia de trabalhos de Vigotski que estão em anexo ao sexto volume de *Sobranie sotchineni* [Obras Reunidas] (VIGOTSKI, 1984). E não figura também na lista bibliográfica de seus trabalhos que foi apresentada no livro *Lev Semionovitch Vigotski. Jizn. Deiatelnost. Chtrirri k portretu* [Vida. Atividade. Esboços para o retrato] (VIGODSKAIA e LIFANOVA, 1996).

<sup>2</sup> “*O dia 9 Ava*” – dia de luto nacional para o povo judeu (frequentemente, nas traduções do iídiche para a língua russa, ao invés de falar “Ava” se usa a palavra “Aba”). Normalmente, indica-se que, neste dia, foram destruídos o Primeiro e o Segundo Templo de Jerusalém: o Primeiro Templo foi destruído pelo rei da Babilônia, Nabucodonosor, em 422 a.C. O Segundo Templo foi destruído pelo chefe militar (posteriormente, imperador) Tito Vespasiano, em 68 d.C. Na data de *9 Ava*, ocorreram acontecimentos trágicos importantes na vida do povo judeu. Além dos dois que já foram mencionados, destacamos mais três que também ocorreram nesse mesmo dia. Um deles é “o castigo pela não crença”, quando os judeus, libertados da escravidão, se assustaram e se recusaram a entrar na Terra Prometida por Deus de Israel (1313 a. C). Por causa disso, Deus lançou sua ira sobre eles e decidiu que apenas a próxima geração, 40 anos depois, poderia chegar à terra habitada. Um outro acontecimento está ligado à profanação do Monte do Templo em Jerusalém que, em *9 Ava* de 132 d. C., foi aplinado por ordem do governador romano Tineius Rufus. O terceiro acontecimento também teve lugar em *9 Ava*, de 135 d.C., quando os romanos tomaram a fortaleza de Betar, o último bastião dos rebeldes, sob o comando de Simão Barcoquebas. Depois disso, teve início a expulsão em massa de judeus da terra de Israel.

<sup>3</sup> “*Oh, nesses dias, dias fatais, / Dias de provações e perdas...*” – estrofes do poema de F. I. Tiutchev *À condessa E. P. Rastoptchina* (1855). O poema trata da guerra da Crimeia (1853-1856) e da queda de Sebastopol. As estrofes da epígrafe têm a pretensão de direcionar emocionalmente o leitor para os acontecimentos militares da Primeira Guerra Mundial. Ainda no verão de 1915, com os avanços da Alemanha, Varsóvia e da Polônia, parte dos países bálticos e da Bielorrússia se renderam. Na primavera (março) de 1916, o ataque das forças russas na linha de frente ocidental, na região do lago Narotch (Bielorrússia), foi derrotado. Essa operação fracassada resultou, para os russos, na morte de 20.000 pessoas e 65.000 feridos. Mais tarde, em julho de 1916, (ou seja, ao mesmo tempo em que se escrevia o artigo de Vigotski sob análise), no decorrer de batalhas sangrentas na região de Baranovitch (Bielorrússia), as forças russas militares perderam 80.000 pessoas. Por isso, para Vigotski, que passou a infância, a adolescência e a juventude na Bielorrússia, a ocupação de uma parte significativa do território do seu país tinha um sentido emocionalmente peculiar. Assim, vale a pena transcrever o poema todo:

Oh, nesses dias, dias fatais,  
Dias de provações e perdas –  
Que o retorno à terra natal  
Seja reconfortante a sua alma.

Que o gênio bom, benevolente  
Leve depressa ao seu encontro  
Um punhado de amigos ainda vivos,  
E tantas sombras tão queridas.

Na verdade, as vivências pessoais provocadas pelas estrofes do poema (“terra natal”, “um punhado de amigos”, “sombras tão queridas”) são introduzidas por Vigotski no contexto dos acontecimentos militares à época e isso reforça a importância que tem a ocupação da “pequena pátria”. A epígrafe não desempenha apenas um papel de *camerton* (diapasão), que dá “um tom emocional” necessário para a percepção do conteúdo do artigo. A referência de Vigotski à obra de Tiutchev tem, a nosso ver, um outro sentido mais profundo. A questão é que no seu trabalho sobre *Hamlet*, já mencionado, Vigotski cita estrofes famosas do poema de Tiutchev, *Silentium!* [Silêncio!]: “A ideia enunciada é mentira”. A citação é empregada na discussão do problema da consciência trágica. Analisando as peculiaridades psicológicas “da leitura compreensiva”, ele destaca que “...nenhuma palavra pode transmitir aquela ‘sensação de choque’ que é a única compreensão autêntica da obra artística...” (VIGOTSKI, 2015, p. 85). Vigotski relaciona essa sensação de choque, seguindo W. James, ao campo das vivências místicas, que têm como traço principal a “inefabilidade”. De acordo com isso, podemos supor que, no artigo *Linhas do luto*, Vigotski dá continuidade ao tema central da análise que faz de *Hamlet*. Vale notar que, como autor, antes de tudo, ele presume também uma reação emocional do leitor como resposta aos acontecimentos trágicos de *9 Ava*; não seria uma reação comum, mas de uma consciência em choque, de vivências místicas que correspondem ao luto de *9 Ava*. Dito de outro modo: não seria apenas a observância formal do luto, mas uma vivência pessoal profunda que pressupõe uma imersão especial nos acontecimentos trágicos da história nacional. Por último, a referência a Tiutchev apresenta, a nosso ver, mais uma

linha substancialmente importante. A questão é que, em seu trabalho sobre *Hamlet*, Vigotski cita outro poema de Tiutchev *Sumerki* [Crepúsculo] (1835), caracterizando um estado peculiar, triste, lírico de renúncia (do latim *resignatio*), que pressupõe a total submissão ao destino, a aceitação sem volta e a negação de ações ativas. Vigotski contrapõe o crepúsculo da manhã, que está ligado à ação de sustentação da unidade com o mundo no momento da visão iluminada, ao estado do crepúsculo. É importante destacar que essa contradição de sentimentos – de tristeza e de luz de esperança – é um tema-chave do artigo em tela e pode ser observado em sua parte final: a submissão ao destino, a ausência de vontade, por um lado, e a esperança pela chegada do Messias, por outro. Essa é a principal contradição (oposição de sentimentos) que define o conteúdo do artigo. É característico que o ímpeto para desvelar a contradição emocional seja um dos princípios mais importantes das resenhas teatrais e literárias de Vigotski e de seus trabalhos sobre a psicologia da arte.

<sup>4</sup> “*Nesses dias terríveis...*” – além da data histórica de 9 *Ava*, Vigotski está se referindo a acontecimentos de sua época. A campanha militar mais importante de 1916, denominada de Batalha de Verdun (“O moedor de carne de Verdun”) é considerada a mais longa da 1ª Guerra Mundial (durou, praticamente, um ano – de 21 de fevereiro a 18 de dezembro de 1916) e foi muito sangrenta. Para salvar a França, sua aliada, a Rússia deu início a um ataque não preparado, nas condições do degelo primaveril, na linha de frente sudoeste (Ofensiva de Brussilov), que custou muitas vidas. Na linha de frente ocidental, também foram muitas derrotas, principalmente, no território da Bielorrússia (ver comentário 3). Além de derrotas militares, se agravaram os problemas de abastecimento, de transporte e financeiros. No verão de 1916, foi publicado um decreto sobre a mobilização de estrangeiros para trabalhos na retaguarda, o que levou ao desenvolvimento do separatismo, na periferia (massacre da população russa na região de Jizaque, anunciada, em 13 de julho de 1916, como um reino Jizaque independente). Ocorreu uma onda de *pogroms* contra os judeus (nos territórios de Kiev, Volin e Podolsk, e na Sibéria). A situação política se radicalizou no país e tudo isso levou ao crescimento da crise do governo. É considerando a agudeza da situação à época – a tragédia da vida cotidiana – que se deve avaliar a não trivialidade da problematização inicial da qual partia Vigotski em seu artigo: para que é necessário o luto por acontecimentos históricos tão antigos se a situação contemporânea da época já estava atravessada de tragédias? O que a vivência da história acrescenta a vivências atuais e vivas? Já estão muito agudas sem isso. Vale notar que, na própria apresentação do problema, manifesta-se o momento crucial da abordagem histórico-cultural de Vigotski. Para ele, a história não é “algo lá no ontem”. Ela vive hoje e se manifesta na psiquê do homem contemporâneo; ela deve ser vivenciada “de forma viva”, como “algo próprio”. Essa é a constituição da identidade. Esse é, a princípio, o tema-chave que une os três artigos mencionados do tríptico de Vigotski; une com a fórmula ampla de O. Bauer – “a nação é exatamente o que é histórico em nós” – com a qual é finalizado o último artigo *Avodim hoinu* do ciclo.

<sup>5</sup> “...o dia é considerado fatal na história do povo judeu” – citação de um artigo *Aba deviatoie* [Ava nono] (“Ava 9”) da enciclopédia Judaica de Brockhaus e Efron (BROCKHAUS e EFRON, 1908). Vigotski se refere frequentemente a ela em seu texto. Destacaremos essas referências especialmente em nossos comentários posteriores. Aqui, para a compreensão das peculiaridades estilísticas do artigo de Vigotski, vale chamar a atenção para uma repetição evidente da expressão “dias fatais” na epígrafe e na frase que estamos comentando. A nosso ver, essa repetição define o ponto central e substantivo do artigo, já que o “dia fatal”, de acordo com a definição do dicionário, significa: 1. dia que traz desgraça, fatalmente predestinado; 2. dia decisivo, que determina uma reviravolta para o pior; 3. dia que tem consequências pesadas ou mortais (GRANDE DICIONÁRIO MODERNO DA LÍNGUA RUSSA, 1939). Vale destacar que, além dos significados do dicionário, o tema da fatalidade é também uma categoria extremamente importante na estética e na filosofia. Assim, no teatro grego, a fatalidade é ação principal da tragédia; é exatamente ela que define o verdadeiro destino da pessoa. É nessa “rima semântica” dos dias fatais que se desvenda o segundo sentido profundo do artigo de Vigotski: a vivência da tragédia dos acontecimentos contemporâneos a ele, no contexto do destino histórico, abre um novo horizonte para o próprio desenvolvimento.

<sup>6</sup> “*Cinco desgraças desabaram sobre os nossos antepassados [em 9 Ava]... foi arada, como um campo, a Cidade Santa*” – Vigotski cita o verbete *Aba deviatoie* [Ava nono] da Enciclopédia Judaica de Brockhaus e Efron (BROCKHAUS e EFRON, 1908). O verbete da Enciclopédia indica uma fonte antiquíssima: M. Taanit, 4, 6.

<sup>7</sup> “...a expulsão da Espanha” – na data de 9 *Ava* de 1492, ocorreu a publicação do Decreto do rei da Espanha Ferdinando II e da rainha Isabela I de Castilho sobre a expulsão de judeus do país (Decreto de Alhambra). O número total de expulsos, de acordo com diferentes fontes, variou de 130.000 a 300.000. O decreto tinha como alvo todos os judeus da Espanha que teriam, no prazo de três meses, que se batizar ou deixar o país. Os que permanecessem além do prazo dado eram declarados fora da lei. A maioria de judeus preferiu conservar sua fé e deixar a Espanha.

<sup>8</sup> : “...dia predestinado e fatal” – a frase citada é de a *Guerra judaica*, de Flávio Josefo: “Eis que chegou o dia pré-determinado e fatal, o décimo dia do mês de Loos (ou seja, de Ava), no mesmo dia em que o templo anterior foi incendiado pelo rei dos babilônios”. Assim, a “predestinação” se manifesta em acontecimentos trágicos que ocorreram

exatamente nesse dia. A referência a Flávio Josefo também foi tomada por Vigotski do verbete *9 Ava* da enciclopédia Judaica de Brockhaus e Efron (BROCKHAUS e EFRON, 1908). Aqui, destacamos mais uma vez que Vigotski também emprega uma repetição semântica “dia fatal”.

<sup>9</sup> “...nesse dia, foram lançados os princípios do *golus*” - na língua russa moderna, é mais utilizada a palavra galut (“banimento”); a permanência forçada do povo judeu fora do seu país, Terra de Israel. O termo *galut* serve, normalmente, para designar o período entre a destruição do Segundo Templo e a criação do Estado de Israel. *Galut* é percebido pela consciência histórica do povo judeu como o estado de uma nação perseguida e sem casa. Na data de *9 Ava*, foi editado o decreto sobre o banimento dos judeus da Inglaterra, em 1290; o decreto sobre o banimento dos judeus da França, em 1306; no entanto, é mais conhecido o decreto, já mencionado anteriormente, sobre a expulsão dos judeus da Espanha, em 1492 (ver comentário 7).

<sup>10</sup> “...*queda definitiva da força do povo*” - tem-se em questão a queda da fortaleza de Betar, em *9 Ava* de 135 d. C. e a repressão por romanos da Revolta de Barcoquebas (*Bar Kokhba*) (132-136 d. C.) que foi a última tentativa de restabelecimento do Estado judeu.

<sup>11</sup> “...*se submeteu, totalmente e por completo, à vontade alheia, do outro, estranha à história judaica externa, submeteu-se à vontade da história do mundo*” - a esse tema Vigotski retornará várias vezes em seus artigos posteriores desse ciclo (*Ideias e ânimos*, de 1916; *Avodim hoinu*, de 1917) (VIGOTSKI, 1917; LERMONTOV, 1954). Assim, no artigo *Avodim hoinu*, ele escreve: “a escravidão não é apenas do povo, mas também da sua história”. Com isso, ele destaca que a falta de vontade do escravizado pode ser superada pelo fluxo dos acontecimentos contemporâneos, direcionados para “a revelação da vontade do povo”.

<sup>12</sup> “*O dia de visitas aos cemitérios, dia de roupas pretas e cortinas escuras*” - nas sinagogas, as cortinas cobrem a comida que está na arca - o grandioso santuário do povo judeu em que estavam guardadas, de acordo com a Bíblia, as Tábuas de Pedra do Testamento com os Dez mandamentos (Bíblia, Deuteronômio 10:2) e um vaso com maná e o bastão de Aarão (Bíblia, Hebreus 9:4). A arca, de acordo com a Torá, é o símbolo de união de Deus com o povo de Israel. As cortinas são bordadas com linhas douradas, prateadas e de seda. No dia de *9 Ava*, as cortinas são retiradas; as sinagogas sefarditas da Idade Média e os asquenazes viram as cortinas do lado do avesso. Nas sinagogas que não possuem cortinas, a arca era coberta com um pano preto. Os costumes que acompanham a liturgia de *9 Ava* correspondem às formas estabelecidas do luto pelos mortos, o luto pelo parente mais próximo e que se expressa numa norma antiga: “Todos os sinais da tristeza pelos mortos estão de acordo com *9 Ava*” (BROCKHAUS e EFRON, 1908).

<sup>13</sup> “...*de cânticos de lamentações*” - uma expressão pouco comum de sentimentos, um estado peculiar de tensão que não pode ser expresso em linguagem comum; é a expressão de um estado psicológico peculiar de tristeza e lamento. Vale notar que no *Tanakh* e na Bíblia, há um livro específico - *Lamentação de Jeremias*. Este é o livro que se costuma ler no dia de *9 Ava*. Nos *Salmos das Lamentações*, como uma oração sincera, são expressos os sofrimentos da alma, a dor dos sofrimentos e o pedido de perdão. Castigando o povo por seus pecados, Deus, ao mesmo tempo, é também a causa dos sofrimentos, a esperança de libertação deles. A *Lamentação de Jeremias* expressa a certeza de um perdão de Deus até mesmo no momento de sofrimento pelos castigos. É importante destacar que, finalizando o seu artigo, Vigotski inclui organicamente no texto um fragmento de *Lamentações de Jeremias* e com isso não só aumenta emocionalmente a percepção como também submete a estrutura do texto (a forma) a peculiaridades do ritual do luto de *9 Ava*.

<sup>14</sup> “...*um regime secular longo*” - estrofe do poema de V. Ia. Briussov, *Moisés* (1911). Vamos ampliar a citação:

Então, faminto, tu inventaste  
Um regime secular longo  
Mediu, pesou e calculou  
Seu destino e sua sorte.

O povo no pasto e sem casa,  
A multidão vaga nas areias,  
Para o ato heroico enorme e terrível  
Por séculos condenastes audaz.

Podemos ver que a referência ao poema de Briussov reforça a compreensão da trajetória histórica do povo judeu como realização de uma predestinação peculiar: *ato heroico enorme e terrível*. Fica evidente que, para a confirmação da necessidade da trajetória histórica peculiar do povo judeu, Vigotski refere-se à obra de um poeta russo. Desse modo, o artigo é muito interessante, já que a autodeterminação pessoal se constrói, neste caso, com base na relação ativa

entre as culturas judaicas e russas. Num determinado sentido, isso pode ser analisado como exemplo de uma realização prática por Vigotski da ideia de M. M. Bartin de que, “no limiar”, a cultura determina a si mesma (BARTIN, 1979).

<sup>15</sup> “...um cintilar, um clarão da eternidade” – essa frase, a nosso ver, representa um interesse especial em função da discussão das peculiaridades artístico-composicional do artigo. É importante chamar a atenção para a imagem visual introduzida por Vigotski sobre a fragilidade da vivência (“um cintilar, um clarão”), quando o que está à vista reflete outra coisa e será também empregado depois, novamente, em outro lugar do artigo: “ardem nele como estrela opaca e se elevam à eternidade”. Neste caso, tem lugar um “cronotopo peculiar”, a correlação de espaço e tempo, própria da percepção *simbólica* do mundo. A projeção da eternidade na contemporaneidade se manifesta exatamente por meio *do tecido do sensorial* do símbolo: jogo de luz, semitons. Vale notar que, aqui, demarca-se um tipo específico de “mediação *signica*” mais complexa a ser discutida por Vigotski posteriormente em seus trabalhos de psicologia como um tema-chave. Desse modo, vale retornar ao seu trabalho sobre *Hamlet* (ver comentário 3) que apresenta como epígrafe a frase de Oscar Wilde: “Aquele que quer *desvendar o símbolo*, o faz por conta de seu temor e risco” (VIGOTSKI, 2016). Acrescentemos que, ao finalizar seu artigo, Vigotski novamente se refere à simbologia de luz e sombra, saturando as vivências psicológicas da tristeza, do lamento, da dor com associações de luz: “raios leves”, “clarão”, “desesperança” e “luminosidade”. Assim, apresenta-se um cenário determinado do *jogo de luz* que corresponde ao conteúdo principal do artigo: uma *transição gradual da desesperança para a luminosidade*.

<sup>16</sup> “*Ele fez um fardo com minhas culpas, / atou-me com sua mão, / elas pesam sobre meu pescoço*” – para a compreensão do sentido dessa frase é importante considerar o duplo sentido da palavra *fardo* ([iarmo]): 1. jugo para atrelar gado de manejo; 2. fardo, peso, jugo. Desta forma, o peso (fardo, jugo) de iniquidades cometidas por mim é posto pelo Ser Superior como um jugo no meu pescoço para me guiar.

<sup>17</sup> “*A quem te comparar? Quem se te assemelha, / filha de Jerusalém? / Quem te poderá salvar e consolar-te, / virgem, filha de Sião? / Grande como o mar é teu desastre: / quem te curará?*” – citação do velho Testamento (Bíblia; *Lamentação do Jeremias* 1:12). Ao comentar esta passagem, é importante chamar a atenção não apenas pelo fato de ser citação de um fragmento da *Lamentação de Jeremias*. A questão é que a regra geral do luto de 9 *Ava* proíbe estudar a *Torá* nesse dia porque ela é uma fonte de alegria. Nesses dias, pode-se ler e estudar apenas textos ligados à expressão da tristeza e da desgraça: a *Lamentação de Jeremias*, o *Livro de Jó*, partes do *Talmud* dedicadas à destruição de Jerusalém (BROCKHAUS e EFRON, 1908). Esse momento é extremamente importante para compreensão não apenas do conteúdo, mas da poética desse texto de Vigotski. Realmente, ele constrói seu artigo *Linhas do luto* de acordo com as exigências impostas pelo luto, incluindo organicamente nele os textos religiosos que eram permitidos e previstos pelas regras do luto de 9 *Ava*. Assim, Vigotski implicitamente “envolve” o leitor no ritual que é característico para esse dia.

<sup>18</sup> “...*O que os judeus guardavam e preservavam na doença, na enfermidade e na ferida não era algo temporário e transitório, mas supratemporal e eterno; não é um luto histórico, mas supra-histórico, original, predestinado...*” - vale destacar que, há 20 anos, este fragmento do texto chamou a atenção de F. E. Vassiliuk (VASSILIUK, 1996), que captou com sensibilidade uma das ideias semânticas predominantes do artigo de Vigotski. Não é “uma fuga hedonista do sofrimento, nem uma satisfação masoquista, muito menos um consolo comum e trivial (não há mal sem o bem, etc.), mas uma sublimação espiritual da tristeza, sua elevação ao “que não se apaga e é eterno” e sua transformação em “tristeza eterna e imortal”... Então, o sentido do sofrimento não está na fuga dele, mas também não está no seu tecido doente, é adquirido com a ascensão do sofrimento, a ascensão na asa da prece a Deus e na sua transformação em Deus. Nessa fórmula de sublimação do sofrimento, se encontra a chave para a psicoterapia sinérgica que concebe o ser humano como uma criatura que vive não apenas no plano horizontal das “distâncias sociais” ou nos subsolos do inconsciente, mas em toda sua completude do mundo de Deus...” (VASSILIUK, 1996). Vale acrescentar também que, aqui, Vigotski apresenta, a nosso ver, uma oposição extremamente importante ao que é “histórico” e “supra-histórico”. Se o histórico pressupõe uma ligação mutuamente determinada dos acontecimentos sociais no tempo, o supra-histórico atualiza as imagens teleológicas sobre uma orientação especial, espiritual e a interrelação de acontecimentos. É uma posição semântica peculiar, é um olhar peculiar para a história. Destaca-se que essa visão semântica é um atributo importante da consciência religiosa que é muito importante para a compreensão das orientações éticas e morais do jovem Vigotski no período pré-revolucionário. Além disso, é exatamente o olhar espiritual semântico para a história que, geralmente, é ocultado nas investigações psicológicas que discutem a peculiaridade histórico-cultural da abordagem de Vigotski. Vale notar que o fragmento comentado do artigo de Vigotski, num plano substancial, pode ser correlacionado com o poema de V. Briussov *Moissei* [Moisés] que também é citado no presente artigo (ver comentário 13). Tal correlação de “vozes” de diferentes autores é um exemplo característico da dialogicidade interna dos textos de Vigotski (SOBKIN, 1981).

<sup>19</sup> “...*Ele faz vacilar minha energia*” – aqui nos deparamos, novamente, com o procedimento de repetição e de referência a uma frase já apresentada e destacada especialmente por Vigotski no *Lamento de Jeremias*: “*Ele faz vacilar minha energia*” (Bíblia; *Lamento de Jeremias* 1:14).

<sup>20</sup> “*O Senhor pisou no lagar a virgem, filha de Judá*” – citação do *Lamento de Jeremias* (Bíblia; *Lamento de Jeremias* 1:15). Na vinícola, o lagar é um aparelho para extrair o suco das uvas. Então, a frase significa “extraiu sucos vitais”.

<sup>21</sup> “*minha existência terminou*” – citação do *Lamento de Jeremias* (Bíblia; *Lamento de Jeremias* 3:18). Considera-se que este é exatamente o momento-chave e, depois dele, surge um novo estado psicológico, ligado ao sentimento de esperança pelo perdão do Senhor e pela ressurreição: “*Os favores de Iahweh não terminaram, suas compaixões não se esgotaram*” (Bíblia; *Lamento de Jeremias* 3:22).

<sup>22</sup> “...*nos nossos dias fatais*” – aqui, Vigotski emprega, novamente, o procedimento de repetição, voltando o olhar do leitor ao poema de Tchiutchev, à estrofe da epígrafe desse artigo: “Oh! Nesses dias, dias fatais” (mais detalhes sobre o significado do emprego da frase “dias fatais” ver o comentário número 5). Dessa forma, nos deparamos, novamente, com um procedimento característico dos textos de Vigotski, que é a repetição intratextual, um retorno a fragmentos anteriores, o que permite utilizar uma técnica especial de compreensão que é o “círculo hermenêutico” (para mais detalhes sobre o emprego do “círculo hermenêutico” por Vigotski, em seus textos, ver artigos de Sobkin e Klimova e de Sobkin e Leontiev (SOBKIN e KLIMOVA, 2016(a); SOBKIN e KLIMOVA, 2016(b); SOBKIN e LEONTIEV, 1994). Vale acrescentar que há referências aos versos de Tchiutchev também em trabalhos científicos de Vigotski no campo da psicologia (*Michlenie i retch* [Pensamento e fala] e outros). A expressão “dias fatais” tornou-se uma importante generalização artística para referenciar os acontecimentos na Rússia pré-revolucionária. Daí a frase de Vigotski: “nossos dias fatais”. Além disso, já que a expressão “dias fatais” está na epígrafe e é usada sucessivamente por Vigotski ao longo de todo artigo, pode-se analisar este tema como um dos centros semânticos mais importante de todo o artigo.

<sup>23</sup> “*Tristemente, no alto minha estrela foi assinalada*” – infelizmente, não foi possível encontrar a fonte da citação. Ao mesmo tempo, deve-se ter em mente que a chegada do Messias, de acordo com a *Bíblia*, deve ser demarcada com o surgimento no céu de uma estrela brilhante. Pode ser que a frase comentada esteja relacionada ao poema de M. Iu. Lermontov:

*Lamente! Lamente! Povo de Israel,  
Perdestes vossa estrela;  
Não surgirá de novo –  
A terra será trevas;  
Ao menos existe um  
Que tudo perdeu com ela;  
Nos vales, sem ideias e sentimentos  
Buscou sombra de suas pegadas!..*

Nesse poema, escrito em 1830, Lermontov, com uma força peculiar, expressa a melodia da treva espiritual: um povo que perdeu sua estrela e, com ela, perdeu tudo. A associação com esse poema, a nosso ver, é bastante correta porque, praticamente uma semana depois da publicação desse artigo na revista *Novi Put* (nº 28 a 31 de julho de 1916), em seu artigo *Lermontov*, Vigotski discutiu, em especial, o tema da estrela.

<sup>24</sup> “*Exulta, alegre-te, filha de Edom, / que habitas no país de Hus! / Também a ti se passará o cálice: / embriagada, desnudar-te-ás*” – citação de *Lamento de Jeremias* (Bíblia; *Lamento de Jeremias* 4:21). Frequentemente, a palavra “filha” é empregada para personificação de cidades e países: “filha de Sion”, “filha de Jerusalém” (Isaque 37:22) ... “filha de Saul” (*Lamento* 4:22) (BROCKHAUS e EFRON, 1908). A terra Uz é o lugar de residência de Jó, supostamente, ao sul de Israel. É possível que o emprego da palavra “filha” esteja ligado também à transmissão da nacionalidade entre os judeus, que se dá pela linha da mãe. O sentido da frase comentada, normalmente, é interpretado como sinal que indica que o castigo está chegando ao fim.

<sup>25</sup> “...*da eterna claudicação de Israel, que lutou à noite com Deus*” – tem-se em questão o seguinte fragmento do *Velho Testamento*: “*Ele os tomou e os fez passar a torrente e fez passar também tudo o que possuía. / E Jacó ficou só. / E alguém lutou com ele até surgir a aurora. / Vendo que não o dominava, tocou-lhe na articulação da coxa, e a coxa de Jacó se deslocou enquanto lutava com ele. / Ele disse: ‘Deixa-me ir, pois já rompeu o dia’. Mas Jacó respondeu: ‘Eu não te deixarei se não me abençoares’. / Ele lhe perguntou: ‘Qual é teu nome?’ ‘Jacó’, respondeu ele. Ele retomou: ‘Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte contra Deus e contra os homens e tu prevaleceste’” (Bíblia, *Gênesis*, 32: 24-29). Há inúmeras interpretações deste trecho. Uma delas está relacionada à*

---

claudicância de Israel como consequência da luta com Deus (“*tocou-lhe na articulação da coxa*”). Outra, supõe que a luta é uma tensão de forças espirituais: o heroísmo da prece.

<sup>26</sup> “...disse o Senhor: ‘*Eu designarei esta noite de lamentação para toda a eternidade*’” – Esta frase está também no artigo de *9 Ava* (BROKGAUZ e EFRON, 1908). R[abino] Yochanan: e Deus disse para eles: vocês agora lamentem, chorem sem muito motivo. Eu designarei a vocês esta noite o lamento para todo o sempre (Talmud, Taanit, 22<sup>a</sup>).

<sup>27</sup> “...no dia *9 Ava* nasceria o *Messias*” – como já dissemos acima (ver comentários de 2 a 7), a data de *9 Ava* tornou-se símbolo de muitas perseguições e infortúnios que assolaram o destino do povo judeu. Ao mesmo tempo, no judaísmo, considera-se que nesse dia trágico (que pode cair em final de julho ou início de agosto, em anos distintos) deve nascer o *Messias*. Aliás, isso explica, particularmente, o não reconhecimento de Cristo pelos judeus, já que Ele nasceu em outro período do ano, na noite de 24 para 25 de dezembro, para os católicos, e na noite de 06 para 07 de janeiro, para os ortodoxos.

<sup>28</sup> “...na desesperança da tristeza desse dia, já ouvimos *paamei Moschiah*” - na tradução do hebreu antigo, *paamei Moschiah* significa “todos os sinais da chegada do *Messias*”.